



O ENSINO DA LÍNGUA ESPANHOLA: UM DESAFIO PARA UMA LINGUAGEM COMUNICATIVA

BRUTTI, Elizane Aparecida¹
CONTRI, Andréia Mainardi²
ZAMBERLAN, Eliane Luiza³

Resumo do trabalho: Considerando a importância de discussões a cerca da língua estrangeira, este artigo apresenta um breve histórico referente à trajetória do ensino de língua espanhola. A partir de um estudo bibliográfico, buscaram-se discutir algumas das abordagens que configuram sobre língua e linguagem, bem como as metodologias utilizadas e alguns apontamentos pertinentes sobre práticas exitosas no ensino da língua espanhola.

Palavra-chave: Língua espanhola. Linguagem. Ensino.

Resumen: Considerando la importancia de los debates sobre la lengua extranjera, en este artículo presenta una breve historia con respecto a la trayectoria de la enseñanza del idioma español. A partir de un estudio bibliográfico, tratando de discutir algunos de los enfoques que componen sobre la lengua y el lenguaje, así como las metodologías utilizadas y algunas notas pertinentes sobre prácticas exitosas en la enseñanza de la lengua española .

Palabra clave: Lengua española . Idioma. Educación.

1 INTRODUÇÃO

Pensando na importância de discussões sobre o ensino de língua, este artigo traz algumas reflexões sobre abordagens e teorias que possam contribuir para que o profissional em Língua Espanhola possa ter um melhor entendimento nessa área. Neste sentido, faz-se referências que as primeiras questões a serem discutidas devem se deter na necessidade de se respeitar e cultura do outro país, ou da língua nativa em estudo, tendo o diálogo como eixo norteador do processo de ensino-aprendizagem.

¹Acadêmica do Curso de Letras Português Espanhol Parfor/Unicruz, Mestre em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Santa Maria. Acadêmica do Curso de Letras Português Espanhol Parfor/Unicruz. E-mail: elizane.brutti@hotmail.com

²Acadêmica do Curso de Letras Português Espanhol Parfor/Unicruz. Licenciada em Normal Superior- Anos Iniciais. Bolsista Fapergs. E-mail: deiamainardi@bol.com.br

³Docente da UNICRUZ. Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. Docente Unicruz. E-mail:elianezamberlan@hotmail.com.



2. REVISÃO DA LITERATURA

A partir da implantação e efetivação da Lei 11.161 de 2005, a oferta do ensino de língua espanhola, em horário regular, torna-se obrigatória nas escolas públicas e privadas brasileiras. Destaca-se a inserção deste segundo idioma, obrigatoriamente no Ensino Médio e facultativo no Ensino Fundamental. A partir desta lei, o ensino de língua espanhola, expandiu-se principalmente, em todas as escolas de Ensino Médio, integrando a matriz curricular das escolas com mais uma formação em língua estrangeira.

Com isso, abriram-se novas possibilidades de trabalho, necessidade de um maior número de profissionais na área, de mais pesquisas e subsídios pedagógicos, para que realmente ocorra uma aprendizagem em língua estrangeira com excelência.

Pensando neste novo patamar e na importância de discussões sobre o ensino, este artigo traz algumas reflexões sobre abordagens e teorias que possam contribuir com o profissional em Língua Espanhola, para que possa ter um melhor entendimento nessa área.

Assim, parte-se do pressuposto de que uma das primeiras questões a serem discutidas devem se deter para a necessidade de se respeitar e cultura do outro país, ou da língua nativa em estudo, tendo o diálogo, como eixo norteador do processo de ensino-aprendizagem. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) para língua estrangeira “é no processo de interação com o outro que nos constituímos como somos, que constituímos e refletimos sobre nossos discursos”.

Nesta relação de construção entre os sujeitos, através da interação, apresenta-se a teoria sociointeracionista. Para esta teoria, é nas práticas sociais de linguagem que se permite a construção do conhecimento e a convivência social entre as pessoas. Vygotsky (2002) apresenta afirma que a aquisição da linguagem é um conhecimento construído em contato com a prática social mediada pela coletividade e interação.

Marcuschi faz uma definição de língua:

A língua é vista como uma atividade, isto é, uma prática sociointeracionista desenvolvida em contextos comunicativos historicamente situados. Podemos dizer, resumidamente, que a língua é um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas. Podemos dizer que as línguas são objetivações históricas do que é falado. (2008, p. 61)



Bakhtin (2003) complementa a citação de Marcuschi dizendo que a língua é produto de atividades sociais, resultantes de interações entre interlocutores. Entende-se então que, na aprendizagem de línguas, o trabalho em pares, em grupos em equipes deve ser enfatizado de modo a reproduzir, no ambiente de aprendizagem, o mesmo dialogismo da língua em seu ambiente de ocorrência.

Para Benveniste (1989, p.23) "não há existência sem a língua", a ideia de que o uso da língua, além de constituir-se um ato de comunicação, é também um meio de persuasão, um meio de dominação e um meio de liberação.

No momento em que o aprendiz põe-se a usar a língua, o faz de forma individual, mas sempre relacionado a um *outro*. Se caso não for essa a proposta não há intencionalidade de comunicação ou de se fazer entender. Dessa forma, Benveniste (1989, p. 84) afirma que "o ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala".

Na escola o professor desempenha um papel primordial para o ensino de línguas. É um mediador que auxilia o aluno a alcançar a produção e a compreensão dos mais variados gêneros discursivos. Por isso além de conhecer uma teoria e saber como trabalhar em sala de aula o professor também precisa trazer para o seu planejamento uma abordagem ou métodos que ajudem seus alunos melhor compreender essa nova língua.

Dentre as várias abordagens e métodos existentes no contexto educacional, apresenta-se a abordagem comunicativa como uma das possibilidades de trabalho em sala de aula.

2.1 Abordagem Comunicativa: breve discussões

Há muito tempo discute-se sobre as abordagens e métodos que tornem o ensino mais eficaz. Essas discussões não acontecem somente no ensino de língua materna, mas principalmente no ensino de língua estrangeira.

Dessa forma faz-se necessário primeiramente trazer algumas concepções sobre método e abordagem. Ferreira (1980, p.796) afirma que o método é a maneira de proceder, ordem ou sistema que se segue no estudo ou no ensino de qualquer disciplina processo ou técnica de ensino. Leffa (1998, p.211) afirma que "o método tem uma abrangência mais restrita e pode estar contido dentro de uma abordagem".



A abordagem segundo Leffa (1998) “são pressupostos teóricos acerca da língua e da aprendizagem, variedade de opções pedagógicas derivadas de concepções teóricas específicas da linguagem e da aprendizagem de línguas”.

Nos dias atuais a utilização de métodos vem sendo questionada pelos teóricos pois, por muito tempo foi a principal forma de ensino e aprendizagem utilizada em escolas e que não demonstraram resultados muito eficazes, visto que estavam muito presos a prescrições sobre a forma de ensinar e aprender.

Com isso entra em cena uma nova discussão para que se passe a utilizar o termo abordagem, já que esta é mais ampla e traz consigo uma teoria que embasa o ensino.

Para os Pcns:

Prefere-se falar em abordagens em vez de métodos, já que aquelas se situam em um nível mais conceitual, que permite maior flexibilidade nas suas realizações. Em vez de se acatar imposições feitas por diferentes métodos, pensa-se mais em termos de uma variedade de opções pedagógicas derivadas de concepções teóricas específicas da linguagem e da aprendizagem de línguas, além de se considerar sempre as práticas didáticas do conhecimento acumulado em relação ao ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira (BRASIL, 1998, 75-76)

Dentre as abordagens existentes, apresenta-se a abordagem comunicativa como uma das possibilidades de trabalho com o ensino de Língua Estrangeira. Hymes (1991) afirma que a abordagem comunicativa centraliza o ensino da língua estrangeira na comunicação. Tendo como objetivo fazer com que o aluno aprenda a adquirir uma competência de comunicação.

Pode-se perceber então que a abordagem comunicativa de ensino tem, como foco central o sentido, o significado e a interação e não a simples manipulação de formas linguísticas por si sós adotadas nos métodos de ensino. Trabalha-se a competência gramatical utilizando regras gramaticais, porém utiliza-se muito mais a linguagem para que o aluno possa trabalhar com uma linguagem comunicativa e significativa.

É enfatizada a semântica da língua, com o objetivo de se descrever o que se faz através da língua, isto é, o uso da linguagem apropriada e adequada à situação em que ocorre o ato da fala é a preocupação dessa abordagem.



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

Trabalhar com a abordagem comunicativa significa que os alunos não aprendem somente *sobre a língua* com exercícios de repetição, leitura e escrita, mas também *como usar a língua* em contextos comunicativos, de acordo com a intenção de comunicação (fazer um convite, aceitá-lo, recusá-lo, etc.), sendo capazes, portanto, de produzir enunciados de acordo com a necessidade de comunicação.

O protagonista da ação passa a ser o aluno, ele é quem deve atuar linguisticamente. A aprendizagem é centrada no aluno não só em termos de conteúdo, mas também de técnicas usadas em sala de aula.

Nesta perspectiva o professor precisa conhecer bem a língua, também na modalidade oral para interagir com os aprendizes, deixando de exercer seu papel de autoridade, de distribuidor de conhecimentos para assumir o papel de orientador.

No entanto, a forma da língua não é abandonada, pois o mau uso pode impedir que o objetivo comunicativo fosse atingido. A ideia é que o aprendiz seja encorajado a comunicar intenções, desejos, argumentos, dúvidas, condições, enfim, que se comunique com o outro.

Desta forma o professor deve ser o elemento mediador entre o “construir” do aluno em suas novas descobertas, desenvolver e enriquecer sua personalidade e simbolizar um instrumento pedagógico levando-o a condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem, como um processo na evolução deste crescimento.

Cabe ao professor buscar e enriquecer sua dinâmica de sala de aula com atividades que permitam a integração do conhecimento com ações práticas, e principalmente motivar o aluno não apenas quanto à aprendizagem necessária prevista em lei, como também na aquisição de uma Língua Estrangeira.

Sabe-se que o lúdico auxilia na aprendizagem com objetivos que vão além do simples gosto de brincar, ou seja, ele poderá estimular o cognitivo de acordo com seu objetivo, fazendo com que o aluno possa respeitar limites, socializar, explorar sua criatividade interagindo e aprendendo a pensar. Desta forma, conduzir a uma reflexão sobre o funcionamento da linguagem e propor o ensino da gramática de uma forma prazerosa para os alunos, que a veem como algo inalcançável.

Por fim, cada vez mais se discute a certeza que sociedade e escola são indissociáveis. Nesse sentido não podemos excluir as mudanças sociais, muito menos ignorá-las, necessitamos cada vez mais de pessoas capazes para atuar neste novo cenário mundial de



maneira mais crítica. Essa nova maneira de pensar e por em práticas as aulas reflete também em adotarmos uma nova postura como professores/educadores. Ao desenvolver as práticas pedagógicas, devemos nos remeter ao meio social onde acontece. Exigindo o cumprimento de um determinado plano de ensino para cada série.

Desta forma, o fazer pedagógico do professor deve ter como centro o aluno, já que são os interesses e motivações desse aluno que atribuirão sentido ao conhecimento conforme Carvalho e Netto (1994, p.59) “A prática social é determinada por elementos como interesses, motivações, intencionalidades; pelo grau de consciência de seus integrantes/alunos; bem como pelo conhecimento social que cada aluno possui”.

Aprendizagem escolar atualmente distancia-se do professor apenas preocupado com os fundamentos e os conteúdos de sua disciplina. Evidentemente, que conhecê-los e praticá-los é importantíssimo, mas compreender a maneira como a mente opera o conhecimento e assimilá-lo é primordial.

Segundo FREIRE (1986), em sua pedagogia como força libertadora, aplica-se ao ensino de língua estrangeira, pode ser também entendidas como força libertadora tanto em termos culturais quanto profissionais, essa força faz os educados e educandos aprenderem a escolher entre possibilidades que se apresentam, esclarecendo e tornando a aprendizagem com a Língua Espanhola como elemento impulsionador de possibilidades de conhecimento do mundo, não só propicia a informação, mas também torna os indivíduos capazes de conhecer e formar opinião sobre a língua estrangeira.

3. METODOLOGIA E/OU MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada para desenvolvimento desta pesquisa foi uma análise bibliográfica pautada em alguns dos principais teóricos que envolvem as questões de ensino e linguagem como: Bagno, Baktihn, Freire, Leffa e Moita Lopes, bem como nas análises dos PCN's que asseguram o ensino da língua estrangeira como parte integrante do currículo escolar, contribuindo na formação do caráter social do aluno.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

Pode-se dizer que a Língua Estrangeira / Espanhola, assume nas últimas décadas uma forma instrumental de aprendizagem, associada aos critérios de produtividade e competitividade global e a partir do momento que passou a integrar os PCN's – Linguagens, Códigos e Tecnologias, assumindo condições de partes indissociáveis do conjunto de conhecimentos essenciais, permitindo ao estudante aproximar-se de várias culturas e, conseqüentemente, proporcionar sua integração e inserção na sociedade em nosso mundo cada vez mais globalizado.

Adotando esse pensamento e construindo aulas que vem de acordo com as discussões deste artigo, os resultados na sala de aula poderão muito positivos, entretanto, para que isso ocorra os professores devem sair da “zona de conforto”, criar meios e métodos, um ambiente interativo, valorizar os aspectos multiculturais para promover a interação do aluno com sua língua nativa e a Língua Estrangeira.

O aluno como “protagonista” de sua construção de conhecimento terá neste contexto atual de mundo globalizado, cada vez mais o domínio de uma LE o qual lhe proporcionará além do enriquecimento cultural, o aprimoramento da vida acadêmica e profissional, tornando-os capazes de interagir com pessoas de outras culturas e modos de pensar e agir e num futuro próximo poder competir com maior igualdade por empregos e condições de trabalho possam venham contribuir para o seu enriquecimento profissional.

Dessa forma o profissional que trabalha com a LE tem sobre sua responsabilidade garantir que além dos seus alunos terem uma aprendizagem eficiente, motivadora e que apontam para bons resultados. Necessita conhecer, estudar e refletir sobre como isso acontecerá nas suas aulas. Refletir constantemente sobre a maneira que fará com que os estudantes percebam a língua como uma prática social e não simplesmente como uma disciplina a mais no componente curricular obrigatório.

Termina-se essa discussão fazendo referência ao que Bagno (2002) fala sobre a formação dos estudantes:

Formar cidadãos capazes de se exprimir de modo adequado e competente, oral e por escrito, para que possam se inserir de pleno direito na sociedade e ajudar na construção e na transformação dessa sociedade, é oferecer a eles uma verdadeira “educação linguística (BAGNO, 2002, P.80).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, G. *Língua Materna, variações e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARVALHO, M. do Carmo B.; NETTO, J. P. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 1994.

HYMES, D.H. *Vers une compétence de communication*. Paris: Crédif; Hatier; Didier, 1991. (Col. LAL).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 12 Ed. São Paulo: Cortez, 1986.

LEFFA, V. (org.) *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas, EDUCAT, 2001.

LEFFA, V. (Org.) *A interação na aprendizagem das línguas*. Pelotas, EDUCAT, 1999.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de Linguística Aplicada**. Mercado de Letras, 1996.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

RAJAGOPALAN. Kanavillil. . **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira — 5a. - 8a. séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998.



XVII

Seminário Internacional
de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul